

A INSERÇÃO DAS MULHERES NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA-RS

LETÍCIA MOSSATE JOBIM¹;
MÁRCIA ALVES DA SILVA²

¹_Docente do IF Farroupilha, Câmpus São Vicente do Sul. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel – *leticia.jobim@iffarroupilha.edu.br*

²_Docente do PPG em Educação da UFPel – *profa.marciaalves@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

As mulheres por muito tempo foram excluídas e invisibilizadas de diversos espaços e instituições, dentre estes, o espaço educacional. Devido a intensa produção discursiva que legitimou sua inferioridade, alegando que seu destino natural era o de ser mãe, lhes foi negado o acesso ao conhecimento e o direito à educação formal. Quando concedidos, era de forma controlada e limitada.

Apesar das inúmeras transformações ocorridas na educação, muitas mulheres ainda encontram dificuldades em exercer determinadas profissões cujo histórico de ocupação, era somente do universo masculino.

Na educação profissional, conforme Carla Bonfim (2009), somente a partir da década de 1940 é possível encontrar dados numéricos sobre a presença da mulher. Carmem Barroso (1982) afirma que até 1970 muitos dados sobre a educação brasileira simplesmente não foram processados levando-se em conta a variável sexo. Somente a partir de 2001, a Diretoria de Estatísticas da Educação Básica (DEEB), responsável pela coordenação do Censo Escolar, vem coletando dados da Educação Profissional técnica de nível médio, em um bloco específico para essa modalidade.

Em dados mais recentes no site do INEP, verificou-se que até 2003 predominavam na educação profissional estudantes do sexo masculino. Nos anos de 2004, 2005 e 2006, porém, a quantidade de mulheres foi maior do que a de homens. Nas áreas profissionais de Saúde, Gestão, Artes, Comunicação, Desenvolvimento Social e Lazer e Turismo e Hospitalidade também predominam as mulheres. Em outras áreas, notadamente na Indústria e Agropecuária, a grande maioria são homens¹. Percebemos que a ‘generificação’ das profissões é histórica e que ainda hoje há muita dificuldade em desvincular as mulheres dos lugares que lhes foram historicamente instituídos.

Como professora de uma instituição de educação profissional² na qual é perceptível a ‘generificação’ dos cursos, bem como a divisão sexual do trabalho, pretendo problematizar, em quais aspectos a educação profissional precisa ser repensada, para tornar-se efetivamente um espaço igualitário entre homens e mulheres.

¹ INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2016. Brasília: INEP, 2017. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/sinposes-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 20/11/2017.

² Sou professora desde 2009, no Instituto Federal Farroupilha- câmpus São Vicente do Sul/RS, fundado em 17 de novembro de 1954, primeiramente como Escola de Iniciação Agrícola General Vargas, transformando-se posteriormente em escola Agrotécnica, CEFET e atualmente Instituto Federal.

Frente à inexistência de um olhar para as questões de gênero nos sessenta anos de história dessa instituição, acredito ser relevante investir em pesquisas que permitam exercitar nossos olhares para as práticas sexistas na educação profissional, fornecendo instrumentos para a reflexão e para a desconstrução das desigualdades entre os gêneros.

Meu ponto inicial será as primeiras alunas³ que ingressaram no curso Técnico em Agropecuária, do atual Instituto Federal Farroupilha, cujo público, desde a sua criação no ano de 1954, foi majoritariamente masculino.

2. METODOLOGIA

Com o objetivo de olhar para o contexto das mulheres desde a inserção inicial na instituição, a pesquisa será realizada a partir de uma organização e análise espaço-temporal, tendo em vista que as primeiras alunas ingressaram somente na década de 1980. Será feito um levantamento das alunas do curso técnico de Agropecuária em diferentes períodos: década de 1980, e o período atual, entre 2010 e 2020. A primeira etapa, está sendo realizada utilizando a História Oral, através de narrativas e memórias. Segundo Freitas (2006, p.14), “o grande potencial da História Oral é o de reflexão sobre o registro dos fatos na voz dos próprios protagonistas”. Estão sendo realizadas entrevistas individuais com alunas possíveis de serem contatadas. Posteriormente serão entrevistadas alunas do mesmo curso, cujo ingresso foi a partir do ano de 2020, no qual serão realizadas comparações e análises nas relações de gênero.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante algumas entrevistas realizadas individualmente, uma frase bastante significativa e merecedora de uma análise mais profunda, fez parte do relato de uma ex aluna, que ingressou na instituição no ano de 1989: “*Essa vai lá só pra pegar barriga*”. Essa frase era dita pelo pessoal da cidade, quando descobriam que as meninas iam estudar na escola Agrotécnica. Nota-se aí, preconceitos implícitos relacionados ao comportamento e a sexualidade feminina. Desmerecer a capacidade das mulheres para determinadas atividades ou associá-la a sua natureza biológica é fruto de diferentes discursos ao longo da história que foram hierarquizando, qualificando ou desqualificando as mulheres para determinadas atividades ou funções. Um destes foi o discurso religioso, que conforme Colling (2014), desde a história de Adão e Eva, foi a mulher que atraiu o homem para a culpa, o pecado da carne⁴. Esse discurso, por muito tempo impôs um modo de olhar hegemônico para as mulheres, dizendo a todo momento que “a responsável pela queda da humanidade do Paraíso foi uma mulher, sendo ela, um ser do pecado”. A frase dita, apresenta uma nítida relação das mulheres com esse discurso, impedindo-as de serem vistas para além de sua sexualidade.

³ As primeiras alunas ingressaram somente a partir da década de 1980.

⁴ Segundo Michelle Perrot (apud Colling, 2014, p. 77), o catolicismo recusa obstinadamente a ordenação das mulheres. Isto se explica pela história, pela ideia do pecado e da impureza feminina, pela angústia da carne que atormenta os padres da igreja. “*Essas mulheres que é preciso conter, manter no privado, cujo corpo é preciso manter e velar os cabelos, se não o rosto.*” (Perrot, 1998, p.139)

Também Lagarde (2005), ao problematizar toda a existência da mulher baseada no 'ser para outros', diz que as mulheres são definidas como seres incompletos, e por isso vistas como territórios que podem ser ocupadas e dominadas por outros, ou seja os homens.

Saffioti (2013), também afirma que os fatores biológicos, tais como gravidez e aleitamento materno "*são muitas vezes, utilizados para justificar a inatividade da mulher, durante toda a sua existência*" (p.85).

Muitos fatos da atualidade ainda demonstram que a gravidez, não somente foi, como continua sendo um dos constantes empecilhos para a aceitação da mulher no mundo do trabalho. Exemplo disso, é a fala do atual Presidente da República, Jair Bolsonaro, ao dizer que "mulher tem que ganhar menos porque engravida"⁵. Pesquisas também apontam, que metade das mulheres que engravidam, perdem o emprego até dois anos depois da licença-maternidade⁶.

Nota-se, a partir daí que, as diferenças de ordem natural entre homens e mulheres transformaram-se em diferenças sociais, e que, de acordo com Saffioti (2013), soluções adequadas precisam ser encontradas. Se a sociedade precisa de novas gerações para sobreviver, a maternidade não deve ser vista como responsabilidade apenas da mulher, e sim da sociedade como um todo. Os problemas que ela causa as mulheres, principalmente no campo profissional, tem um preço que deve ser dividido por todos.

Outro fato importante de ser problematizado, é sobre a divisão sexual do trabalho que também apareceu nas entrevistas. Exemplifico, com o trecho de uma delas:

Entrevistado: - O tratamento era igualitário, não tinha 'arrego'... mas tinha determinadas atividades que as meninas não faziam por questão de força, os mais pesados. Mas, carpir, virar terra, plantar, colher era parelho! Claro né...tinha determinadas atividades, quando pegava mais habilidades femininas elas se sobressaíam.

Entrevistadora: Quais, por exemplo?

Entrevistado: Plantar, limpar, organizar, organizar os setores... isso elas faziam melhor.

(Trecho da fala de um professor que acompanhou o ingresso das primeiras alunas na década de 80).

Nota-se nesta fala, que atividades tais como limpar, organizar, cuidar, etc. são naturalizadas e vistas como parte da 'essência' da mulher, como se já nascêssemos com elas. Devido a essa naturalização, acabam sendo consensualizadas socialmente.

De acordo com Saffioti (2013) o caráter subsidiário dado ao trabalho da mulher, tornando-o marginalizado das funções produtivas, é resultado dos valores patriarcais ainda predominantes na sociedade. Por isso a necessidade de compreendermos que o corpo biológico possui uma história e que, ele não pré-determina um 'destino' para as mulheres, não fixa lugares, posições ou pertencimentos.

⁵ In: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/bolsonaro-diz-que-mulher-deve-ganhar-salario-menor-porque-engravida/> Acesso em: 03/09/2019

⁶ In: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/14/politica/1502721247_786237.html. Acesso em: 12/09/2019.

4. CONCLUSÕES

Temos a compreensão que, embora um maior número de mulheres estejam ocupando lugares e profissões que não lhes eram permitidas, estes espaços ainda estão atravessados por concepções tradicionais do feminino e masculino que precisam ser desnaturalizadas, a fim de que, não se reproduzam pensamentos androcêntricos e valores patriarcais. Isso remete a necessidade de questionamentos de teorias universalistas e da naturalização social e cultural produzida sobre o corpo sexuado. De nada adianta incluir mulheres nestes espaços, sem desconstruir a hierarquia estrutural e patriarcal neles existentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROSO, Carmem. **Mulher, Sociedade e Estado no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- BONFIM, Carla Márcia Paiva Assis: **A situação das mulheres na educação profissional de nível médio: uma análise dos dados do censo escolar – 2001 a 2006**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): Belo Horizonte, 2009.
- COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: A construção histórica do feminino**. Dourados, MS. Ed. UFG, 2014.
- FREITAS, S.M. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2ª ed. São Paulo: Associação editorial Humanitas, 2006.
- LAGARDE, Marcela Y de Los Rios. **Los cautiveros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. 4. ed. México: UNAM, 2005, 884p.
- SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3ed. São Paulo: Expressão popular, 2013.